

MESQUITA, Luciana. **Fêmea**. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação Artes da Cena – IA - UNICAMP; Doutorado; Verônica Fabrini Machado de Almeida. Atriz.

### RESUMO

Revisitando a noção *kore*, da mitologia grega, que significa virgem no sentido de estar completa consigo mesma e com a noção de *anima*, palavra latim para alma, trago pensadores de consciência politeísta para a reflexão do feminino, sendo eles: James Hillman que revisa Carl Gustav Jung através de sua obra *Anima*, Marion Woodman, Christine Downing e Ginette Paris. A apresentação oral na Mesa Temática: “As Artes da Cena e Feminismos” no Seminário de Pesquisa do PPGADC 2017 foi acompanhada da música *La Virgen*, de Guilherme Vaz.

**Palavras-chave:** Feminino. Arquétipo. *Kore*. *Anima*.

### ABSTRACT

Revisiting the notion of *kore* in Greek mythology, which means virgin in the sense of being complete with oneself and with the notion of *anima*, the Latin word for soul, I bring thinkers of polytheistic consciousness for a reflection of the feminine: James Hillman who visited Carl Gustav Jung through his book *Anima*, Marion Woodman, Christine Downing and Ginette Paris. The oral presentation of this at the Thematic Table: “The Performing Arts and Feminism” during the PPGADC Research Seminar 2017 was accompanied by the music *La Virgen*, by Guilherme Vaz.

**Keywords:** Feminine, Archetype. *Kore*. *Anima*.

*Sem a recuperação da Virgem não haverá nada, nem  
Reencontro nem Renascimento. [...] A Virgem é o aperto de mão, o  
olhar do Pai sobre o Filho, os Tigres que pastam capim, as mães que  
carregam os ossos remanescentes dos Filhos - sem Ela o mundo não  
será possível e a Arte morrerá.  
Guilherme Vaz*

Gostaria de, neste Seminário de Pesquisas do PPGADC, fazer um recorte trazendo a celebração do feminino tanto nas mulheres quanto nos homens, com a noção da *kore*, da mitologia grega, que significa virgem, no sentido de ser completa em si e em total liberdade para novas possibilidades; e, com a noção de *anima*, palavra latim para alma. Com este intuito, trago pensadores com consciência politeísta: Carl Gustav Jung, James Hillman, Marion Woodman, Christine Downing e Ginette Paris, ao som da música *La Virgen*, de Guilherme Vaz<sup>1</sup>.

No livro *Anima*, de Hillman, ele nos apresenta nas páginas pares, as citações de Jung e nas páginas ímpares ele segue tecendo seu pensamento.

---

<sup>1</sup> Guilherme Vaz, em seu CD *La Virgen*, visualiza: “Sobre as grandes altitudes da Cordilheira Andina, nas Grandes Punas, a Virgem dança com seus companheiros músicos. Voz, Maracás, Tambores e Sopros”.

<sup>2</sup> We are so accustomed to equating civilization and the masculine that we may be surprised to discover how obvious it seemed at one time that the goddesses responsible for the beginning of agriculture were also involved with the beginning of all cultural activity. Historically, we know that the development of metallurgy, pottery, weaving, and writing are closely connected to the changes in living made possible by the establishment of settled planting communities.

Este estudo demonstra que para Jung, a *anima* é o arquétipo do feminino que desempenha um papel muito importante no inconsciente:

Nenhum homem é tão inteiramente masculino que não tenha nada de feminino em si [...] A repressão de traços femininos [...] faz com que estas demandas contrassexuais se acumulem no inconsciente. (JUNG apud HILLMAN, 1995, p. 18)

Não se limitando aos homens, a *anima*, para Jung, é o arquétipo da própria vida e não se restringe apenas aos humanos, como nos clarifica Hillman, mas também aos animais, como algo que vive de e nos faz viver, e ainda, de onde nasce a consciência. James Hillman:

Jung lamenta que o próprio homem cessou de ser o microcosmo e o *eidolon* do cosmos, e sua *anima* não é mais a *scintilla* consubstancial, ou uma centelha da *Anima Mundi*, a Alma do Mundo. (JUNG apud HILLMAN, p. 93)

Segundo James Hillman, isso acontece porque tomamos a *anima* personalisticamente e perdemos o significado mais amplo de *anima*, a alma neoplatônica do mundo: “a consciência de anima significa antes de tudo consciência da nossa própria inconsciência” (1995, p. 151). Para Hillman, a anima é o fator psíquico da natureza e enfatiza que “é esta noção estrutural: anima é uma *estrutura psíquica da consciência*” (p. 37), e “com ela constela-se a consciência da nossa inconsciência fundamental.” (p. 39). Seria como “um arquétipo mediador da *inconsciência* [...] a consciência da anima significa antes de tudo consciência da nossa própria inconsciência”. (151) Sendo assim, “um arquétipo como tal, não pode ser atribuído a ou localizado dentro da psique de nenhum dos sexos.” (67)

Com três palavras, Jung revolucionou toda a psicologia com um terreno muito fértil para os artistas: “Imagem é psique” (JUNG apud HILLMAN, p. 125). A imagem é a linguagem pela qual a psique se comunica e o terreno próprio da *anima* é a imaginação. E *anima* é a metáfora básica para James Hillman, que também nos diz que “Jung torna-se Jung através de seu encontro com a imaginação” (p.127). Podemos constatar isso na sua obra gênese de Jung, *O Livro Vermelho - Liber Novus*, e em todo o desenvolvimento de seu trabalho com os arquétipos, a alquimia e a imaginação ativa. Para Hillman, integrar a *anima*, acontece se nos lembrarmos de que já estamos nela. Ser humano é ser na alma (*esse in anima*). A psique é essencialmente cultural. E por isso mesmo, é o sopro mágico da vida e está em todos os lugares.

Marion Woodman, dançarina e analista junguiana, quando fala para dançarinos, diz: “O que se encontra no centro do trabalho de vocês e do meu são as imagens. As imagens são a ponte entre a consciência e o inconsciente.” (2003, p. 238) “Os artistas, sobretudo, cuja energia está mais concentrada no inconsciente que na dimensão consciente, são as vozes do futuro [...] O corpo é a alma em ação”. (p. 243-244)

A consciência feminina está evoluindo em muitos homens e mulheres, ainda que com desníveis incontestáveis e em velocidade bem mais lenta que gostaríamos. Finalmente, ainda que conflituoso e reivindicatório, estamos chegando à dimensão consciente do feminino como fenômeno cultural, ao menos estamos falando sobre o assunto, vamos às ruas e fazemos nossos protestos. Em síntese:

É desnecessário dizer que “nós” no centro da mandala global não é o ego patriarcal não redimido que vem regendo o planeta desde sua descoberta humana. O “nós” que virá um dia a viver no centro dessa mandala será tanto masculino como feminino, unido numa parceria entre iguais. Essa união transcende os gêneros, mas sem negá-los; gênero é a manifestação diferenciada da unicidade que o transcende [...] Um melhor entendimento desse “nós” talvez esteja na ideia da identidade humana que alcança sua dimensão consciente por intermédio do reconhecimento do que lhe é estranho, não no sentido de alheio, mas no de instrumento do reconhecimento do masculino, assim como o masculino é o instrumento de reconhecimento do feminino. Um está presente no outro como instrumento da própria consciência. [...] Deus e Deusa, sendo perenemente descobertos, unindo-nos todos em uma comunidade global que somente agora estamos começando a descobrir. (p. 13-14)

Christine Downing nos apresenta um olhar através das deusas, que surpreende:

Estamos tão acostumados a equiparar civilização e masculino que podemos nos surpreender ao descobrir quão óbvio são as deusas as responsáveis pelo início da agricultura e que também estavam envolvidas com o início de toda atividade cultural. Historicamente, sabemos que o desenvolvimento da metalurgia, cerâmica, tecelagem e escrita estão intimamente ligados às possíveis mudanças de vida pelo estabelecimento das comunidades de plantio. Mitologicamente, essa conjunção foi expressada afirmando que a deusa envolvida com a introdução do cultivo de grãos também ensinava a humanidade todas essas outras habilidades. (2000, p. 12, *tradução nossa*)<sup>2</sup>

Nosso olhar, esvaziado pelo patriarcado, talvez por demais embaçado, não nos deixa ver a fertilidade que as deusas nos presenteiam. Isso demonstra que os mitos também sofrem influências culturais, talvez por estarem demasiado tempo sob a cultura solar e positivismo ocidentais, são também influenciados por padrões opressivos. Uma das propostas da psicologia arquetípica é justamente reverter esses padrões, com liberdade imaginativa, uma vez que os mitos não são dogmáticos. Temos aqui o convite para *reimaginá-los*, oferecendo-nos uma nova vitalidade com criação mitopoética. Ginette Paris:

O politeísmo grego não era, como o Judeo-Cristianismo, uma religião de salvação; nem um dogma, nem uma fé absoluta. Os próprios gregos dão à palavra “mito” um duplo significado: significa tanto uma realidade arquetípica, simbolizando situações de nossa vida real, quanto um conjunto de histórias inventadas nas quais não se deve ter uma crença inabalável. Não promete nenhuma salvação futura, nem recompensa após a morte. O politeísmo grego não era, como o é o

---

<sup>2</sup> We are so accustomed to equating civilization and the masculine that we may be surprised to discover how obvious it seemed at one time that the goddesses responsible for the beginning of agriculture were also involved with the beginning of all cultural activity. Historically, we know that the development of metallurgy, pottery, weaving, and writing are closely connected to the changes in living made possible by the establishment of settled planting communities. Mythologically, this conjunction was expressed by affirming that the goddess involved with the introduction of grain cultivation also taught humankind these other skill. (DOWNING, C., 2000, p, 12)

Judeo-Cristianismo, uma religião de crença na vida eterna; ele não é uma “religião” absolutamente, está mais próximo de uma ecologia de vida do que daquele totalitarismo subjacente à ideia ocidental de religião. Sua moralidade não se sustenta na ideia de pecado e na ameaça do Inferno nem no valor da virtude e sua recompensa antecipada. Um mito é um apoio para meditar acerca do relacionamento da pessoa consigo mesma, com o outro, com a natureza e com o sagrado. (1994, p. 16)

E completa:

A partir do momento em que um mito antigo é redescoberto e recebe um novo significado, começa, novamente, a evoluir, pois nenhum dogma pode congelar a interpretação dos mitos gregos, nenhuma igreja ou escola de pensamento (nem mesmo a junguiana) pode reivindicar uma interpretação exclusiva deles, pois essas histórias são a criação coletiva da imaginação ocidental, para a qual não existem direitos autorais. (p. 18)

Todos os aspectos do mito se completam e nos convidam para uma reflexão que não se restringe à Grécia Antiga, mas aos dias atuais. *Anima*, é “a matriz de todas as figuras divinas e semidivinas, desde as deusas pagãs até a Virgem” (JUNG apud HILLMAN, p. 130). Além disso, podemos ter muitas interpretações do mesmo mito. Não é a tipologia simplista, muito pelo contrário, são bem complexos, e não nos conduzem a ensinamentos dogmáticos. São movimentos de consciência, inclui mais que exclui.

Chego à conclusão que toda alma é feminina, tal como Hillman e pensadores arquetípicos nos sugerem. Com ênfase, acrescento: a alma é fêmea, *daimones* que nos reservam a vida e florescem a alma no mundo.

#### **Referências Bibliográficas:**

DOWNING, C. **The Goddess – Mythological Images of the Feminine**. New York: Continuum, 2000

HILLMAN, J. **Anima – anatomia de uma Noção Personificada**. São Paulo: Cultrix, 1995.

PARIS, G. **Meditações Pagãs**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 1994

WOODMAN, M. **Feminilidade Consciente**. São Paulo: Paulus, 2003.

#### **Fonte sonora:**

VAZ, G. **La Virgen**. 1 CD. Faixa 1.